

O primeiro discurso de Buda



O artigo a seguir, ligeiramente condensado para publicação no Boletim, é de autoria de Patrick Given-Wilson, que é Professor Regional para a Austrália e a Nova Zelândia e autor dos sumários das palestras de Satipaṭṭhāna Sutta de Goenkaji.

Após sua iluminação, o Buda proferiu seu primeiro discurso a cinco amigos que o haviam acompanhado durante a

maior parte do tempo em que esteve buscando. Ele é chamado de *Dhamma Cakkappavattana Sutta*, o discurso que colocou em movimento a roda do Dhamma. Ele resume todo o ensinamento do Buda.

A sutta começa:

Ekam samayaṃ bhagavā Bārāṇasiyaṃ viharati Isipatane Migadāye.

A cena se passa em Isipathana, um lugar sagrado perto de Varanasi freqüentado por reclusos, eremitas e outras pessoas santas. Dentro dele, Migada era um parque de cervos e santuário onde nenhum animal podia ser morto.

Tatra kho bhagavā pañcavaggiye bhikkhū āmantesi.

O discurso foi proferido a seus cinco antigos companheiros. Eles eram ouvintes céticos, acreditando que o Buda havia falhado em sua missão, por ter desistido das austeridades físicas e jejum. Tão logo o viram se aproximar, concordaram em não prestar a ele qualquer respeito especial. Apesar disso, lhe deram ouvidos, impressionados pela sua serenidade e pelo fulgor em seu rosto. Ele declarou-lhes ter se tornado um Buda. E para acabar com suas dúvidas, explicou como havia atingido a iluminação.

Dveme, bhikkhave, antā pabbajitena na sevitabbā. Katame dve?

Dois extremos, bhikkhus, não devem ser praticados por quem luta pela libertação. Que dois?

... yo cāyaṃ kāmesu kāmasukhallikānuyogo hīno gammo pothujjaniko anariyo anattasaṃhito ...

... Apego e ligação a prazeres sensuais, o que é baixo, grosseiro, vulgar, indigno e inútil...

Ele repudia decididamente o caminho dos prazeres sensuais. Ninguém pode alcançar a libertação dos prazeres sensuais entregando-se a eles. Isso teria sido óbvio para o seu público. Mas a sua segunda declaração teria parecido radical: um repúdio decisivo do caminho ascético que vinham praticando juntos.

... yo cāyaṃ attakilamathānuyogo dukkho anariyo anattasaṃhito

... apego à auto-tortura, o que é doloroso, indigno e inútil.

Em seguida, ele descreve o verdadeiro caminho que tomou, o Caminho do Meio, e relata o resultado:

Ete kho, bhikkhave, ubho ante anupagamma majjhimā paṭipadā tathāgatena abhisambuddhā cakkhukaraṇī ñāṇakaraṇī upasamāya abhiññāya sambodhāya nibbānāya saṃvattati

Entre esses dois extremos, o Caminho do Meio, realizado pelo Tathagata, dá visão, dá conhecimento, e leva à paz, à compreensão profunda, à iluminação e ao *nibbāna*. “Tathagata” era o termo que o Buda usava para descrever a si mesmo. Significa literalmente “o que se foi”, ou aquele que trilhou o caminho da verdade.

Ele descreve esse Caminho do Meio como o Nobre Caminho Óctuplo:

Ariyo aṭṭhaṅgiko maggo, seyyathidaṃ – sammā diṭṭhi sammā saṅkappo sammā vācā sammā kammanto sammā ājīvo sammā vāyāmo sammā sati sammā samādhi.

Este Nobre Caminho Óctuplo, a saber – compreensão correta, pensamento correto, fala correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, consciência correta e concentração correta.

De certo modo, isso não era novidade. A prática da moralidade já existia na Índia. *Samādhis* profundos também eram praticados, e o próprio Gótama havia praticado isso no passado. *Paññā* também era compreendida e aceita, pelo menos no nível intelectual.

No entanto, o caminho começa com *sammā diṭṭhi*, e *diṭṭhi* (compreensão) deve ser *sammā* (correta). Isso significa que não somente deve ser compreendido, mas deve também ser experimentado. Algo só pode ser entendido devidamente se for realmente experimentado, caso contrário, continua a ser uma mera filosofia ou opinião. Da mesma forma, cada passo no Nobre Caminho Óctuplo é precedido pela palavra *sammā*: para ser correto, tem de ser experimentado. Ele então descreve a pedra angular de seu ensinamento, as Quatro Nobres Verdades. Ele descreve uma de cada vez:

Idaṃ kho pana, bhikkhave, dukkhaṃ ariyasaccaṃ: jātipi dukkhā, jarāpi dukkhā, byādhipi dukkho, maraṇampi dukkhaṃ, appiyehi sampayogo dukkho, piyehi vippayogo dukkho, yampicchaṃ na labhati tampi dukkhaṃ – saṃkhittena pañcupādānakkhandhā dukkhā.

Esta, *bhikkhus*, é a Nobre Verdade do Sofrimento: nascimento é sofrimento, envelhecimento é sofrimento, doença é sofrimento, morte é sofrimento, a associação com o desagradável é sofrimento, a dissociação do agradável é sofrimento, não receber o que se deseja é sofrimento, em suma, os cinco agregados de apego são sofrimento.

Novamente, no nível mundano, grande parte disto era familiar ao seu público. Mas havia uma crença generalizada de que os seres das mais altos reinos celestiais eram imortais. E aqui ele afirma que *todo* nascimento é *dukkha* e termina com uma rejeição completa de apego a *qualquer* tipo de existência.

Trabalhando em profunda introspecção, ele havia percebido que qualquer apego a qualquer coisa no campo da mente e da matéria era *dukkha*, sofrimento. A verdade de *dukkha* tinha de ser aceita em todos os aspectos da existência.

Mesmo a experiência mais agradável, sutil, tranquila tinha de ser aceita como *dukkha* por causa de sua impermanência.

... dukkhasamudayaṃ ariyasaccaṃ: yāyaṃ taṇhā ponobbhavikā nandirāgasahagatā tatratrābhinandinī, seyyathidaṃ kāmataṇhā, bhavataṇhā, vibhavataṇhā.

A Nobre Verdade do Surgimento do Sofrimento é esta avidez, levando ao renascimento, interligada com o prazer e com o desejo, encontrando deleite ora aqui, ora ali, ou seja, a cobiça pelo prazer sensorial, o desejo pela existência, e desejo pela aniquilação.

A segunda Nobre Verdade é a de que o sofrimento surge com *taṇhā*, a avidez. Às vezes *samudayaṃ* é traduzido como “a causa” de *dukkha*, mas mais precisamente significa “surgimento.” *Dukkha*, a agitação, começa assim que a avidez, *taṇhā*, surge: elas são simultâneas. Isto é experimentado por um meditador no nível sutil. Esta avidez é o verdadeiro problema que leva ao renascimento, *ponobbhavikā*.

Ele descreve três tipos de avidez, ou *taṇhā*. O primeiro é o desejo por prazeres sensuais, *kāmataṇhā*. Isso pode ser facilmente compreendido, mas simplesmente erradicá-lo não é o suficiente. O segundo é o desejo por qualquer tipo de existência, *bhavataṇhā*. Mesmo se alguém estiver livre dos prazeres sensuais, existe o desejo de sobrevivência: “O ‘eu’ deve sobreviver. Não importa o que aconteça com o mundo ou a outros seres, devo estar lá em qualquer plano de existência, para testemunhá-lo e vê-lo continuar. Mesmo a libertação é algo que ‘eu’ devo experimentar, ‘eu’ devo desfrutar.” Essa cobiça ocasiona mais renascimentos, e assim o ciclo de sofrimento continua. O terceiro e último desejo é o desejo pela aniquilação, *vibhavataṇhā*. Mesmo o desejo pelo fim da existência é ainda desejo.

Idaṃ kho pana, bhikkhave, dukkhanirodhaṃ ariyasaccaṃ: yo tassāyeva taṇhāya asesavirāganirodho cāgo paṭinissaggo mutti anālayo.

Esta, *bhikkhus*, é a Nobre Verdade da Erradicação do Sofrimento: é a erradicação completa daquela mesma avidez, renunciando-a, abandonando-a, disso se libertando e se desapegando.

Essa avidez deve ser totalmente erradicada, de modo a não restar qualquer raiz. Em outro lugar, no *Satipaṭṭhāna Sutta*, o Buda descreve com mais detalhes como a erradicação deve ser completa em todas as etapas do processo mental: em todas as partes da mente, em cada porta sensorial.

A Quarta Nobre Verdade é a do caminho para alcançar esse objetivo, o Nobre Caminho Óctuplo.

... dukkhanirodhagāminī paṭipadā ariyasaccaṃ: ayameva ariyo aṭṭhaṅgiko maggo, seyyathidaṃ—sammā diṭṭhi, sammā saṅkappo, sammā vācā, sammā kammantā, sammā ājīvo, sammā vāyāmo, sammā sati, sammā samādhī.

A Nobre Verdade do Caminho que leva à erradicação do sofrimento é este Caminho Óctuplo, ou seja, compreensão correta, pensamento correto, fala correta,

ação correta, modo de vida correto, esforço correto, consciência correta e concentração correta.

Em essência, as Quatro Nobres Verdades são muito simples: aceite o fato do sofrimento, entenda como ele surge, erradique-o totalmente, e assim poderá compreender o caminho para a sua erradicação. Mas a iluminação do Buda foi realmente a de experimentar isto. Ele explicou melhor, dizendo que cada Nobre Verdade tem de ser compreendida de três maneiras diferentes. Cada verdade não é uma realidade, a menos que seja testemunhada ou experimentada.

Idaṃ dukkhaṃ ariyasaccaṃ ... pariññeyaṃ ... pariññataṃ.

Esta Nobre Verdade do sofrimento ... é para ser experimentada plenamente ... é experimentada plenamente.

O fato do sofrimento, *dukkha*, tinha primeiramente de ser aceito. Mas isso era mero conhecimento intelectual, apenas um ponto de partida. A segunda parte era a de compreender a necessidade de experimentar diretamente todo o campo de *dukkha-pariññeyaṃ*, porque, a menos que o campo inteiro seja experimentado, poderá haver algum aspecto, alguma parte de *dukkha*, ainda considerada livre de *dukkha*. No entanto, esta era ainda uma decisão intelectual. O terceiro passo era *pariññātaṃ*— ele teria explorado todo o campo de *dukkha* somente quando foi além de *dukkha*. Assim, mesmo nesta primeira Nobre Verdade, todas as Quatro Nobres Verdades estão incluídas.

Idaṃ dukkhaṃ samudayaṃ ariyasaccaṃ ... pahāhatabbaṃ ... pahīnaṃ.

Esta Nobre Verdade do surgimento do sofrimento ... tem de ser erradicada ... foi erradicada.

O mesmo se aplica à segunda Nobre Verdade, *dukkha samudaya*. Mera aceitação de que a avidez é a causa de *dukkha* não ajuda. A avidez tem de ser erradicada: *pahāhatabbaṃ*. Mas até mesmo isso é insuficiente. A terceira parte deve ser concluída—*pahīnaṃ*—*taṇhā* deve ser realmente erradicada no nível da raiz, de modo a não restar sequer um traço. Assim, a segunda Nobre Verdade também completa todas as Quatro Nobres Verdades. Se for *pahīnaṃ*, totalmente erradicada, estaremos livres do sofrimento.

Idaṃ dukkhanirodhaṃ ariyasaccaṃ ... sacchikātabbaṃ ... sacchikātaṃ.

Esta Nobre Verdade da erradicação do sofrimento ... tem de ser presenciada ... foi presenciada.

A terceira Nobre Verdade é o estágio onde não há mais qualquer sofrimento — o estágio de *nibbāna*. Mera aceitação de que há um estágio além da mente e da matéria não é suficiente. Tem de ser testemunhado—*sacchikātabbaṃ*. Então, a terceira parte é *sacchikātaṃ*—é testemunhada. Quando isso tiver sido presenciado, ele terá se tornado livre de todo o sofrimento. Todas as Quatro Nobres Verdades estão incluídas.

Idaṃ dukkhanirodhagāmini paṭipadā ariyasaccaṃ ... bhāvetabbaṃ ... bhāvitaṃ.

Esta Nobre Verdade do caminho que leva à erradicação do sofrimento ... tem de ser desenvolvida ... foi desenvolvida.

A Quarta Nobre Verdade é a do caminho. Mais uma vez, tem de ser experimentado plenamente. Só então se poderá dizer que foi concluído. O

primeiro passo é o da aceitação de que este é o caminho. O segundo é o da decisão intelectual de que tem de ser desenvolvido, *bhāvetabbaṃ*. Ambos são necessários. Mas na verdade somente percorrer todo o caminho—*bhāvitam*—é que poderia libertá-lo, e, ao trilhá-lo, ele realizou as outras três Nobres Verdades. Assim, as Quatro Nobres Verdades, quando de fato experimentadas, são cada uma completa em si mesma e contêm todas as outras.

Portanto, a menos que cada Nobre Verdade seja trabalhada de três maneiras, e as Quatro Nobres Verdades, assim, se tornarem uma Nobre Verdade de doze partes, elas não poderão resultar na libertação do sofrimento. Se alguém se limitasse a aceitar a verdade de que existe sofrimento, de que existe uma causa do sofrimento, de que existe erradicação do sofrimento e de que há uma maneira de erradicar o sofrimento, a aceitação não seria mais do que uma filosofia—lógica, mas em nada diferente de qualquer outra filosofia. Isto não poderia tê-lo libertado.

... *pubbe ananussutesu Dhammesu cakkhuṃ udapādi, ñāṇaṃ udapādi, paññā udapādi, vijjā udapādi, āloko udapādi.*

... Eu nunca tinha ouvido tais Dhammas antes: a visão surgiu, o conhecimento surgiu, a sabedoria surgiu, a compreensão surgiu, a luz surgiu. Isto é repetido para cada parte de cada Nobre Verdade. Estas eram as verdades, Dhammas que ele nunca tinha ouvido antes: *pubbe ananusuttasu Dhammesu*. Quando ele de fato as vivenciou: *cakkhuṃ udapādi, ñāṇaṃ udapādi, paññā udapādi, vijjā udapādi, āloko udapādi*, a visão surgiu, o conhecimento surgiu, a sabedoria surgiu, a compreensão surgiu, a luz surgiu. Cada uma era a sua própria realização direta.

O Buda descreve este caminho como *dukkhanirodhagāmini paṭipadā*, o caminho para a cessação de todo o sofrimento. Em outros lugares, descreve o mesmo caminho como *vedanānirodhagāmini paṭipadā*, o caminho para a cessação de todas as sensações. Isso porque o caminho tem de ser experimentado. A palavra usada para experiência naqueles dias era *vedanā*, que também significa sensação. Então *pariññataṃ* significa que todo o campo de *vedanā*, sensação, tem de ser experimentado. Alhures, ele diz, *Yaṃ kiñci vedayitaṃ, taṃ dukkhasmin*—cada sensação está conectada a *dukkha*, ao sofrimento. Mesmo a sensação mais agradável tem de ser entendida como *dukkha* porque é *anicca*. Existe o perigo de nos apegarmos a esta experiência impermanente e de gerarmos *taṇhā*, avidez, com relação a ela. A menos que todas as sensações sejam entendidas como sofrimento, poderia permanecer um engano de que alguma sensação realmente traga felicidade. *Yāvakīvañca me, bhikkhave, imesu catūsu ariyasaccesu evaṃ tiparivaṭṭaṃ dvādasākāraṃ yathābhūtaṃ ñāṇadassanaṃ na suvisuddhaṃ ahoṣi, neva tāvāhaṃ, bhikkhave ... ‘anuttaraṃ sammāsambodhiṃ abhisambuddho’ ti paccaññāsiṃ* Enquanto meu conhecimento e minha compreensão da realidade “tal qual é” não eram puros nesses três aspectos, nessas doze maneiras, no que diz respeito às quatro Nobres Verdades, não reivindiquei ter alcançado a incomparável, a suprema Iluminação.

O Buda descreve seu compromisso com a verdade, a aceitação da realidade “tal como é,” *yathābutha*, a cada estágio— um compromisso que sustentava a sua exploração e a sua prática. Isto levou ao *ñāṇa dassanaṃ*—conhecimento com profundo discernimento e purificação. Este tinha sido o seu método de investigação: ele permaneceu sempre com a realidade “tal qual como é,” sem se deixar levar por qualquer crença filosófica, desejo, especulação ou imaginação. Todo meditador que almeja a iluminação tem de fazer o mesmo.

Yato ca kho me, bhikkhave, imesu catūsu ariyasaccesu evaṃ tiparivaṭṭaṃ dvādasākāraṃ yathābhūtaṃ ñāṇadassanaṃ suvisuddhaṃ ahoṣi, athāhaṃ, bhikkhave, ... ‘anuttaraṃ sammāsambodhiṃ abhisambuddho’ ti paccaññāsiṃ.

Mas agora que estava tão purificado, ele declarou que “a incomparável iluminação suprema”, *anuttaraṃ sammāsambodhiṃ abhisambuddho’ ti*, tinha sido realizada. É uma declaração enfática de sua iluminação.

Então, finalmente, vem a declaração do resultado:

Ñāṇaṇca pana me dassanaṃ udapādi – ‘akuppā me vimutti, ayamantimā jāti, natthidāni punabbhavo’ ’’ ti

O conhecimento e a sabedoria profunda surgiram em mim: “Inabalável é a minha libertação. Este é o último nascimento. Não há mais nascimento para mim agora.” Isto concluiu o discurso, e os cinco companheiros ficaram encantados. Todo o ceticismo deles se esvaiu.

Imasmiṅca pana veyyākaraṇasmiṃ bhaññamāne āyasmato koṇḍaññaṃ virajaṃ vītamaḷaṃ dhammacakkhuṃ udapādi: ‘yaṃ kiñci samudayadhammaṃ, sabbaṃ taṃ nirodhadhamma’ ’nti.

Enquanto este discurso estava sendo proferido o puro, o imaculado Olho do Dhamma surgiu no Venerável Koṇḍañña, (revelando) que: “Tudo o que tem a natureza de surgir, tem a natureza de desaparecer.”

O Olho do Dhamma, *dhammacakkhuṃ*, agora surgiu em Koṇḍañña, um dos cinco companheiros, ou seja, ele experimentou *nibbāna*. Entendeu que tudo o que tem a natureza de surgir também tem a natureza de desaparecer.

Este foi um momento decisivo, porque o discurso colocou em movimento a Roda do Dhamma. Depois de um período inimaginavelmente longo preparando e desenvolvendo suas *pāramis*, depois de superar exitosamente todos os obstáculos para atingir a iluminação, o Buda agora tinha a capacidade de ensinar os outros. Deve ficar claro que Koṇḍañña não se tornou iluminado simplesmente ao ouvir o que o Buda estava ensinando. Em vez disso, quando ouviu as palavras do Buda, Koṇḍañña deve ter começado a se concentrar em seu interior. Ele deve ter seguido o mesmo caminho, observando a realidade, *yathā bhuta*, “tal como é”, surgindo e desaparecendo por toda a estrutura mente-matéria. Continuando a observar, ele pôde alcançar o estágio de vivenciar *dukkha nirodha*, a cessação total. Koṇḍañña, então, trabalhou vigorosamente e, em pouco tempo, tornou-se totalmente liberto. Ficou conhecido como “Koṇḍañña, o Sábio.”

Koṇḍañña foi o primeiro de muitos que se tornaram libertos naquela época. O caminho é o mesmo para todos, e somos afortunados por a técnica ainda estar

disponível hoje. Portanto, compete a todos os meditadores fazer o melhor uso desse caminho, para sua própria libertação. É uma oportunidade rara.